

O SAGRADO, A MAGIA DOS RITOS E SEUS MISTÉRIOS

1. Para análise do fenômeno religioso no meio de nosso povo, Cf. J.J. CARVALHO, *Características do fenômeno religioso na sociedade contemporânea*. In Maria Clara BINGEMER (org), *O impacto da modernidade sobre a religião*. São Paulo, Loyola, pp. 133-195.

2. Cf. *A Fraternidade e Os Excluídos. Eras tu Senhor?*, o TEXTO BASE da Campanha da Fraternidade de 1995 da CNBB traz um relato da situação dos excluídos de nossa sociedade. O Brasil possui 64,5 milhões de pessoas em condições de pobreza, ou seja, com rendimentos per capita igual ou inferior a meio salário mínimo. No Brasil, conforme o mapa da fome elaborado pelo IPEA, existem 32 milhões de brasileiros, uma população equivalente à da Argentina, que se defronta diariamente com o problema da fome. Cf. Texto-Base, 12-31 e IPEA, *Mapa da fome*. Subsídios e formulação de uma política de segurança alimentar, mar-1993, p. 5.

3. Muitos analistas não vêem dimensão política nas religiões populares, cf. G. GIMENEZ, *Cultura popular y religión en el Anahuac*. México, Centro de Estudios Eumênicos, 1978, em que mostra a polarização entre cristianismo e transformação

O nosso povo é profundamente religioso. Há um fascínio enorme pelo sagrado, o mágico e o maravilhoso. Esse sentimento passa todas as camadas sociais, fazendo-o um povo místico.

Esse fato sócio-religioso é perceptível em todas as nossas regiões geográficas e, através de sinais simbólicos, podemos avaliar e analisar esse fenômeno.¹

Nosso povo é ainda na sua maioria uma população pobre. São 32.000.000 milhões de pessoas que vivem na miséria. A pobreza é gritante em todos os setores. Hoje podemos perceber essa miséria dentro das grandes cidades e até nas médias e pequenas, o fenômeno se repete! Pobreza, miséria, exclusão de bens de consumo, carência no setor da saúde e na educação são chagas de nosso povo.²

Outro lado que nos questiona é saber que 85% de nossa população se diz católica, recebem o batismo cristão e professam a mesma fé.

Muitos analistas vêem no fenômeno religioso uma civilização ainda enraizada num mundo rural e pré-científico. Culparam a pobreza pela indolência das pessoas e a falta de disciplina no trabalho e na ambição de progredir. Há alguns que até divulgam um refrão popular para justificar tal situação: *No Brasil, plantando dá, não plantando, dão*.³

Outros explicam a religiosidade como sendo uma pseudo-cultura que foi imposta pela cristandade como forma de alienação para os verdadeiros problemas da vida como o trabalho, a saúde, a cultura e o progresso científico e tecnológico.

Mas será que essas análises e leituras refletem com seriedade o fenômeno religioso, a origem da pobreza e do catolicismo de nosso povo?

Pensando nesses problemas, vendo a multiplicidade de ritos religiosos, a explosão do mundo místico, a crescente literatura

esotérica, o crescimento das seitas mágicas e misteriosas, do interesse pela angelologia e pela corrida a duendes, cartomantes, videntes, amuletos e talismãs, surgem várias perguntas: será apenas uma onda que é imposta pela mídia, visando lucros econômicos? Será um fenômeno da aproximação do fim do milênio? Será uma consequência da pobreza e falta de cientificismo?⁴

Sem dúvida existe um fato objetivo: a existência de uma Piedade Popular que se manifesta tanto individual como comunitariamente. Essa piedade popular se expressa pelo culto a Deus, a Nossa Senhora, aos santos, através de atos de religiosidade, sincretismo de ritos e até nos sete sacramentos da Igreja (Puebla 910-912).⁵

Analisando esse fenômeno, podemos perceber que existe um sentimento profundo e que não podemos classificá-lo “a priori” como superstição ou deturpação do verdadeiro catolicismo. E o que seria o verdadeiro catolicismo?

1. O CATOLICISMO NO BRASIL

Quando falamos em “catolicismo” logo pensamos no romano como se fosse o único e verdadeiro catolicismo. Dentro de nosso quadro de referência, o catolicismo no Brasil é caracterizado pela paróquia com sua missa dominical repleta de fiéis, pelas associações piedosas, pelas festas dos padroeiros, solenidades da Semana Santa, pela Igreja cheia de imagens de santos e pela ênfase dada à moralidade e piedade.

Esse catolicismo romano, conforme as pesquisas históricas, foi implantado no Brasil na segunda metade do século XIX pela ação conjunta de “Bispos Reformadores” com o clero formado por eles ou trazido da Europa que veio para substituir o antigo catolicismo tradicional do período colonial que possui características bem distintas.

O antigo catolicismo luso-brasileiro é fundamentado em organizações e lideranças leigas. Esse fato de se basear na piedade do povo ajuda a entender o dinamismo do catolicismo apesar da debilidade e escassez do clero.

1.1. O catolicismo tradicional

O catolicismo no Brasil, até o fim do século XIX, estava fundamentado na ação dos leigos. As confrarias e irmandades se dedicavam ao culto dos santos e à devoção dos padroeiros e das almas, sendo o principal suporte da religião católica. Nas cidades, vilas e aldeias, essas irmandades e confrarias eram bem organizadas, tinham um patrimônio econômico e sustentavam as capelas e cemitérios. No interior, eram constituídos por gru-

social e religiosidade popular e alienação socio-política, criticando “a admiração romântica própria do populismo cultural” (p.248).

4. J.J. CARVALHO, *O Encontro de Velhas e Novas Religiões*. Brasília, UNB, 1992 (Antropologia, 133) e *O problema da espiritualidade na sociedade massificada*, texto proferido no Forum de Ciência e cultura da Universidade Federal de Rio de Janeiro em agosto de 1992.

5. Cf. Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Puebla), n. 910-915, em que se procura fazer uma análise crítica da Piedade Popular.

pos sem muita organização formal mas apenas centralizados em torno da figura do “festeiro”. Esses grupos de leigos eram autônomos em suas atividades religiosas e promoviam as festas religiosas dos padroeiros e santos. Nessas festas populares, os padres e sacerdotes eram apenas convidados de honra para celebrar as missas, atender as confissões, celebrar os casamentos e batizados. Nessas ocasiões solenes das festas, os sacramentos do batismo e matrimônio eram celebrados. Por esse costume se compreende porque há pessoas que deixam para batizar os filhos nas festas de padroeiros. Quando não havia padre para celebrar os sacramentos e a missa, a festa religiosa acontecia do mesmo jeito. Os sacramentos e a missa completavam o catolicismo do povo. Havia até um adágio popular: *Muita reza, pouca missa, muito santo, pouco padre.*⁶

6. P.A. RIBEIRO DE OLIVEIRA, *Religião e dominação de classe*. Vozes, Petrópolis 1985; E. HOORNAERT e R. AZZI, *Historia Geral da Igreja na América Latina*. vol. 2. Petrópolis, Vozes, 1975; E. HOORNAERT, *O cristianismo moreno do Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1981, e uma síntese magistral oferecida pelo mesmo autor E. HOORNAERT, *História do Cristianismo na América Latina e no Caribe*. São Paulo, Paulus, 1994.

Encontramos ainda hoje em muitos lugares do Brasil exemplos desse catolicismo tradicional. A “Folia dos Reis” que se celebra após o Natal, expressa bem uma festa popular centrada na pessoa do festeiro que organiza a “folia” feita para pagar uma promessa ou por devoção aos Santos reis O festeiro se encarrega de promover a festa. Trata-se de pessoas que organizam a festa religiosa, angariando donativos e abençoando a todos. No dia solene da festa, todos se reúnem para celebrar os santos, agradecer as graças recebidas e pedir a proteção para todos. O clima é de festa, revestido de profunda fé. Não é uma simples manifestação folclórica mas tudo é feito com seriedade e devoção, onde há também canto, bebida, música e dança. Simbolizados pelo estandarte-guia dos Santos Reis, ou pela bandeira do Divino, por imagens, os santos participam da festa, convivendo com os seus devotos e protegidos.⁷

7. Pesquisador e antropólogo Carlos Rodrigues Brandão tem uma série de estudos sobre essa festa do Divino. Cf. C.R. BRANDÃO, *Memória do Sagrado*. Estudos de religião e ritual. São Paulo, Paulinas, 1985, p. 171-197.

Além das festas anuais, há ainda práticas religiosas de âmbito familiar ou pessoal. O povo se reúne nas casas para uma “reza”, tríduo ou novena em ação de graças e até se faz uma procissão para se pedir chuva. Cada pessoa estabelece assim um relacionamento com a divindade ou com os santos que são a encarnação concreta do Divino. Quando alguém morre, os parentes, amigos e vizinhos vêm fazer o velório e a purificação do corpo e rezar pela alma. Em caso de doenças, procura-se o “benzedor”. Quando alguém morre em acidente, procura-se fazer um cruzeiro e as pessoas piedosas que por ali passam acendem uma vela ou fazem uma prece.

Todas essas funções religiosas se fazem sem a presença do sacerdote ou de agentes religiosos que pertencem a uma instituição definida. Há os líderes que dirigem as celebrações porque tem mais qualificação ou porque aprenderam por outros líderes mais velhos. São os “puxadores de terço” ou rezadores. Qualquer pessoa que sabe “tirar o terço”, pode ser o rezador.

Quem faz as benzeções para curar males e feridas é chamado de “benzedor” porque sabe certas fórmulas de benzeção e conhece ritos de cura. Aquele que improvisa a cantoria na folia dos Santos Reis é o “embaixador”.

Analisando a função do leigo como agente religioso no catolicismo tradicional, trata-se de carisma pessoal. Basta que tenha conhecimento e competência para o exercício da função religiosa. Existem algumas tradições que restringem os agentes religiosos a determinadas categorias de pessoas como: só os homens fazem parte do grupo dos Santos reis; parente não pode purificar o corpo e encomendar a alma do morto; só quem foi mordido por cobra pode curar mordidas de cobra. Importante que não existe uma ligação com a hierarquia clerical e as funções são exercidas por leigos que se preparam para tais funções ou possuem carisma para isso.

Essas práticas não aparecem de forma isoladas mas são complementadas pelas práticas e crenças do catolicismo romano, especialmente a missa nas ocasiões solenes e os sacramentos dos ritos de passagem como batismo, matrimônio, unção dos enfermos. Sabemos que esse catolicismo é ainda vivo nas regiões onde não há padre ou que os sacerdotes só vem por ocasião da desobriga ou quando o fiel participa de romarias à santuários.⁸

1.2. O Catolicismo Romano

O catolicismo romano está fundamentado sobre a autoridade do Papa e por extensão a dos bispos e a dos padres. A romanização do catolicismo popular foi efetivada na medida em que o poder religioso dos leigos foi transferido para os clérigos.

“Os Bispos Reformadores” da segunda metade do século XIX procuraram se ater à área especificamente religiosa sem recorrer ao poder político ou pressões sociais para conseguir a desejada reforma da religião do povo. A estratégia foi desvalorizar o catolicismo dos leigos, procurando implantar um catolicismo romano centrado na hierarquia e funções litúrgicas exercidas pelos sacerdotes, como os sacramentos. Procurou-se substituir as devoções aos santos tradicionais como Santo Antonio, São José, São Sebastião, Santa Bárbara, São Benedito por devoções em voga na Europa, especialmente as devoções marianas e a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, que serviam como instrumentos de luta contra o “modernismo” e liberalismo anticlerical.

Esse esforço de romanização desmantelou as antigas irmandades e confrarias voltadas para os santos “tradicionais” e as substituiu por novas organizações leigas voltadas para a devoção “aos novos” santos.

8. P.A. RIBEIRO DE OLIVEIRA, *O Catolicismo do Povo*. Palestra proferida na I Semana Teológica do Studium Theologicum em Curitiba, de 28 de setembro a 1 de outubro de 1976, publicada em Cadernos, São Paulo, Ave Maria, 1976. p 9-22.

9. Ibidem, p. 12.

A introdução da devoção ao Sagrado Coração de Jesus vai assumir uma importância muito grande pois ela se efetiva através de um novo organismo leigo *Apostolado da Oração* que se difunde rapidamente na segunda metade do século XIX, acompanhando a ação dos Bispos Reformadores. Algumas dioceses são inclusive consagradas ao Sagrado Coração de Jesus. O Apostolado da Oração, como também a Pia Associação das *Filhas de Maria*, a *Liga Católica*, a *Cruzada Eucarística*, a *Congregação Mariana* e as *Conferências Vicentinas*, se distinguem das antigas confrarias e irmandades pelas funções ocupadas pelos leigos. São associações para leigos e não associações de leigos. A direção sempre está subordinada diretamente ao pároco ou vigário que por estatuto sempre faz parte da diretoria e que sempre controla as atividades e decisões da entidade.⁹

As antigas festas religiosas, realizadas por iniciativa e devoção dos leigos, onde os padres são apenas convidados para celebrar missas e bênçãos solenes, são substituídas por festas litúrgicas ou festas ligadas às novas devoções. A festa da Coroação de Nossa Senhora é muito incentivada e são colocadas em segundo plano as Folias dos Santos Reis, Folia do Divino, procissão das Almas, as Festas Juninas, as procissões dos santos tradicionais que até são consideradas como supersticiosas.

Desaparecendo as festas, as irmandades e confrarias perdem sua função religiosa e vão se extinguindo ou vão passando para o controle do pároco. Esse processo de destituição dos leigos das irmandades e confrarias fez desaparecer as lideranças leigas e centraliza no clero todas as atividades religiosas e todo o governo da paróquia.

No processo de romanização que foi se estabelecendo, os párocos levaram as imagens dos santos de devoção para os templos paroquiais, matriz ou capelas, substituindo às antigas ermidas e oratórios particulares ou das comunidades, onde as imagens era guardadas por leigos. Os centros de romarias passaram a ser dirigidos por congregações religiosas clericais. Controlando assim “os santos”, controlou-se a festa e a devoção popular. O padre não é apenas o celebrante da missa e dos sacramentos mas é agora o principal “festeiro”. Ele passa a organizar a festa, dirigir os cantos, as novenas e orações. Esse processo de romanização encontrou alguma resistência de algumas lideranças leigas mas o episcopado brasileiro, embora reduzido em número de 11 bispos por ocasião do Concílio Vaticano I (1869-1870), era muito unido e tinha apoio do novo clero secular e das congregações religiosas, masculinas e femininas, chegadas da Europa.

Contavam ainda com o apoio dos imigrantes europeus que vinham para cá como pessoas acostumadas a esse catolicismo romano. Percebe-se claramente esse fato através da diferença

de práticas religiosas entre o sul e o resto do Brasil. As famílias de origem europeia possuem práticas religiosas semelhantes às da concepção romana. As famílias de origem luso-brasileiras possuem costumes religiosos domésticos que se assemelham ao antigo catolicismo tradicional.

O catolicismo romano dá muita ênfase aos sete sacramentos, priorizando a recepção dessa prática sacramental. A organização das paróquias, a formação dos padres, as associações para leigos, a própria espiritualidade devem convergir para a prática habitual dos sete sacramentos. A partir de 1920, A Igreja Católica no Brasil foi estruturada conforme o modelo romano. Não conseguiu porém penetrar profundamente na população. Os meios de propagação, as escolas católicas, as atividades das paróquias, as associações piedosas, só atingiram uma parte da população. No Brasil, apenas uns 10% a 15% aderiram essa maneira de ser católico. O restante da população reelaborou a religião, conservando elementos da tradição luso-brasileira e reinterpretando elementos do catolicismo romano de maneira própria.¹⁰

10. Ibidem, p. 19

2. A ORIGEM DA RELIGIOSIDADE POPULAR

Esse fenômeno da piedade popular, que se expressa em atos de religiosidade, tem raízes mais profundas no inconsciente coletivo religioso da população brasileira. Podemos perceber traços que provêm da origem do nosso povo e do processo de mestiçagem. *A presença criadora, providente e salvadora de Deus já acompanhava a vida desses povos. As sementes do Verbo, presentes no profundo sentido religioso das culturas pré-colombianas, esperavam o orvalho fecundante do Espírito* (Santo Domingo 17).

Analisando a religião do povo, constatamos influências da **cultura indígena**, como o culto aos mortos, o respeito pelos fenômenos naturais; da **cultura africana** como a memória dos antepassados, o respeito e culto aos mortos, a gratidão pelos frutos da terra, o caráter sagrado da vida humana; do **catolicismo romano**, cuja catequese foi mal-entendida, provocando uma dicotomia entre o culto oficial da Igreja e a religiosidade do povo.

Dentro da piedade popular, podemos ver aspectos positivos que são uma verdadeira **inculturação da fé**. São expressões religiosas que possuem valores, critérios, atitudes e condutas formando uma verdadeira matriz cultural. Nasceram da mensagem evangélica que é inculturada pela sabedoria popular. (Santo Domingo 36).¹¹

11. Cf. SANTO DOMINGO, *Conclusões*, n. 36, analisando os aspectos positivos da religiosidade popular procura mostrar que muitas expressões religiosas são uma verdadeira inculturação da fé.

2.1. A *inculturação da fe*

Existem algumas características da PIEDADE POPULAR que são uma verdadeira inculturação da fé. O encontro do catolicismo ibérico-romano com as diversas culturas latino-americanas formou um processo de inculturação com aspectos conflitantes mas que através de múltiplas formas de religiosidade popular e de arte mestiça, apresenta uma conjunção do perene cristão com o próprio da cultura do nosso povo. (Santo Domingo 18). São atitudes, critérios e valores que devem ser respeitados e que revelam a alma mais íntima da religião popular. Apresentamos alguns traços, procurando fazer uma leitura teológica a partir da religiosidade popular.

2.2. O *fascínio popular pelo sagrado*

Quando falamos em religiosidade popular, é preciso esclarecer o que entendemos por *popular*. Existem muitos preconceitos que envolvem essa categoria. Dentro de uma ótica elitista, popular é entendido como **vulgar**. Popular seria assim a deturpação ou deformação de uma forma original ou seria um produto cultural de segunda linha para o consumo das massas. Partindo de uma ótica populista, popular seria a forma espontânea própria de grupos ou classes subalternas e por isso seria capaz de conferir a marca de autenticidade a sua produção natural. O juízo de valor que está em ambas as maneiras de enfocar essa realidade, pode atrapalhar um análise mais rigorosa, levando a julgá-las, ou como formas religiosas deturpadas, próprias de massas incultas, ou como formas autênticas de religião de grupos dominados.

Sirvo-me de uma definição sociológica de P. Bourdieu¹²: a categoria popular na religiosidade se divide em trabalho religioso anônimo e coletivo, isto é, produção de autoconsumo e o trabalho dos especialistas para o consumo dos leigos. No primeiro tipo, a produção religiosa é fruto de todos os membros de um determinado grupo, que dominam de modo concreto o conjunto de esquemas de pensamento e de ação referentes ao sagrado que se lhes apresenta implícito e adquirido por familiaridade. As religiões populares se opõem à produção religiosa de especialistas. Religiosidade popular implica assim:

· 1-Socialização dos bens sagrados pois são produzidos para o autoconsumo.

2-Ausência de sistematização doutrinal e teológica pois é esta atividade própria de especialista em teologia e religião.

3-Ausência de legitimidade institucional que os especialistas oficiais podem conferir.

12. P. BOURDIEU, *Génèse et structure du champs religieux*. In *REVUE FRANÇAISE DE SOCIOLOGIE* 12 (3), p. 295-334, jul-set 1971.

Como são produto de autoconsumo, as formas religiosas só podem ser enraizadas na tradição legítima. A categoria popular contém assim diversos significados. Dentro do prisma social, popular se opõe o que é próprio de classes dominantes. Dentro do prisma cultural, popular se opõe ao erudito. Dentro do prisma político, popular opõem-se ao oficial. Essa maneira de falar articula-se dialéticamente pois nenhuma religião é exclusivamente popular, já que tanto o trabalho religioso, anônimo e coletivo, quanto o trabalho especializado, só existem como tipos ideais. A religiosidade popular, dentro dessas três propriedades articuladas entre si, forma assim uma maneira religiosa de ser que se distingue da forma erudita, oficial e da classe dominante.

Dentro desse quadro de análise, podemos falar de **popular** em contraste com a forma **oficial** do sistema religioso. A religião popular é assim uma forma de religiosidade do povo em seu uso original, como *Volksreligion*, como religião nacional ou tribal, em oposição às religiões universais. A produção simbólica de autoconsumo nas religiões tribais não comporta uma variante à forma oficial pois a liderança religiosa não está afastada da realidade e das reações do povo. Não há como opor oficial à popular.¹³

Nosso povo tem um fascínio tremendo em relação ao Sagrado, ao mistério, ao maravilhoso, ao mágico, ao transcendente. Essa busca do sagrado se reveste de muitas variações simbólicas.

Essa fé e apego ao transcendente se manifesta pela capacidade de se voltar para Deus em todos os momentos da vida. O sagrado e o profano se misturam. Nosso povo simples vê Deus em tudo. Não consegue separar o profano e o científico do divino. Tudo tem uma explicação que em última análise se atribui à divindade.

Principalmente nas situações limite da vida, nas calamidades e catástrofes, nosso povo busca a Deus, único capaz de o ajudar nos momentos difíceis e desesperadores. Há uma busca de escuta da Palavra de Deus que fala através dos sinais cósmicos. A sabedoria popular nos ensina a aprender as lições divinas, observando a natureza e fatos existenciais da vida.

2.3. A visibilidade do divino

Deus se faz presente e visível. Não é algo distinto e longínquo. Ele se visibiliza e se concretiza em pessoas como representantes e materializações da divindade. Assim os padres, religiosos e religiosas, os benzedores, mães de santo são encarnações do divino nas figuras humanas.

Assim o Pe Cícero de Juazeiro, Pe. Donizetti de Tambaú, Mãe Menininha de Cantois são figuras que representam a divindade pela sua santidade, caridade, sendo sinais vivos de Deus para o

13. P. SANCHIS, *Arraial: festa de um povo*. Lisboa, Dom Quixote, 1983

povo. Mesmo a simples figura de um sacerdote ou de uma religiosa merece todo o respeito e veneração e não podem ser desprezados pois o desprezo poderia ser punido como um ato sacrílego ou desrespeitoso. É fácil de compreender que o povo simples faz questão de tratar bem essas figuras sagradas, oferecendo-lhes o que de melhor se tem em suas casas, pois estão dando a Deus na pessoa deles. É uma ofensa quando sacerdote se recusa aceitar um simples café ou não se dignar visitar sua casa ou barracos. Grande privilégio é poder hospedar um padre, um missionário, pois ele atrai para casa todas as graças e bênçãos de Deus.¹⁴

14. C.R. BRANDÃO, *Memória do Sagrado: estudos de religião e ritual*. São Paulo, Paulinas, 1985, p. 54.76.

Deus ainda se localiza de maneira mais visível em lugares como santuários e cidades onde aconteceram fenômenos religiosos especiais. No âmbito doméstico, temos os oratórios, lugar onde são colocados os santos de devoção de uma família. Ali se reúnem seus membros para rezar cotidianamente ou em momentos mais difíceis. Nas comunidades locais, temos as capelas construídas para abrigar algum santo ou padroeiro do local. O povo aí se reúne para a reza que é feita com diversas finalidades ou para preparar a festa do santo, ou para proteger a comunidade, ou para alcançar o descanso eterno dos mortos ou até para celebrar missas na visita do padre. Em âmbito maior, temos os santuários que são consagrados a algum santo ou Nossa Senhora. Esses centros de piedade atraem grande número de romeiros que vem para rezar, agradecer e pedir ao santo ou Nossa Senhora de sua devoção. Os santuários existentes no Brasil são testemunhos dessa fé popular como vemos em Aparecida, SP., Bom Jesus da Lapa, Bahia, e tantos outros.¹⁵

15. J.O. BEOZZO, *Santuários, irmandades e capelinhas de beira de estrada*. In *REVISTA ECLESIASTICA BRASILEIRA* 148, dez-1977, p. 741-758.

2.4. *Fatos existenciais da vida*

Existem situações da vida humana em que as pessoas percebem a presença de Deus de maneira mais sensível e nessas ocasiões, o nosso povo se lembra e celebra Deus de maneira especial. Nos nascimentos no Brasil, apesar das dificuldade de saúde e da mortalidade infantil exagerada, há motivo para se celebrar o dom da vida que é emprestado aos seres humanos para cumprir uma missão. O momento da morte é visto e sentido com a proximidade de Deus que vem buscar as pessoas. Na hora da doença final ou na agonia, todo mundo se recorda da necessidade e consolo de uma prece ou da presença de um sacerdote. Os corpos dos mortos são velados, abençoados e suas almas são encomendadas à misericórdia divina. Mesmo os que não possuem uma prática religiosa definida, fazem questão de uma prece ou de chamar o sacerdote.

Nas etapas principais da vida ou nos ritos de passagem é necessária a presença de um rito sagrado para abençoar e jus-

tificar as novas situações da vida. Assim na passagem da puberdade, na maioridade, ao assumir uma família, todos querem e sentem necessidade da visibilidade de Deus e da força de suas bênçãos e graças.¹⁶

Certas situações da vida demonstram o quanto nosso povo é profundamente religioso e espiritual. A amizade, a união, a hospitalidade, a fraternidade, principalmente nas situações difíceis, revelam uma sociabilidade com fundo religioso. O caráter comunitário de nossa gente descobre na figura do pobre, do sem teto e sem comida, a presença de Deus que precisa ser acolhido e amparado. *Quem dá aos pobres, empresta a Deus*, diz o ditado popular.

Outro momento em que se pode constatar a sensibilidade religiosa de nosso povo é o momento do sofrimento, da dor e das catástrofes. Essa resistência e luta pela vida é vista como uma prova de Deus a seus filhos. Tudo é aceito não apenas por passivismo ou negativismo mas muitas vezes é interpretado como momentos privilegiados para se aproximar de Deus e rever a própria existência.¹⁷

Nesses momentos críticos, nosso povo deixa transparecer um desapego da matéria, da transitoriedade da vida e do desejo de busca do definitivo. Para alguns analistas, essa atitude é apenas uma apatia ou inércia diante da impotência da vida mas sabemos que a realidade profunda é aceita de maneira silenciosa e como uma fé e persistência que não são vistas para quem olha sob a ótica de um frio cientificismo.

2.5. A festa como expressão do religioso

A sociabilidade de nosso povo brasileiro possui um traço de religiosidade. A festa, o intercâmbio de sentimentos se faz num clima de celebração. A festa sempre tem seu motivo tirado da vida e de fatos. Nossa cultura privilegia a festa. Na sociedade consumista em que vivemos, muitas vezes a festa e toda ação lúdica, gratuita é classificada como preguiça. Percebe-se a dialética entre ação-trabalho e festa-inércia. Tudo que não é atividade laboriosa, é preguiça. Nossos índios e negros africanos foram considerados preguiçosos pelo seu espírito festivo e lúdico. Nossa gente simples privilegia a festa, a celebração, como momento forte de distanciamento da faina diária que permite valorizar o conjunto do cotidiano. A magia do cotidiano está na beleza do ritual em que se vive o banal de maneira solene e prazerosa. Esses momentos expressam a experiência humana de forma totalizante e global: cansaço e esperança, tensões e conflitos, sonhos e vitórias. Esse assumir da vida em sua ação é festejado em momentos que relativizam o destino

16. D. BOROBIO, *Os Quatro Sacramentos da Religiosidade Popular*. In *CONCILIUM* 132, 1978/2, p. 223-237.

17. Cf a obra de Oscar Wild, *De Profundis*. Lisboa, Estampa, 1991, onde ele fala da dor como fator que faz o ser humano se aproximar de Deus. Nosso povo simples vê nesses momentos um tempo forte de reflexão e aproximação de Deus.

difícil e trágico da faina diária. A história não é vivida de maneira só pesadosa e fatigante mas a rotina é interrompida pela festa que revela a liberdade do ser humano, buscando significado no religioso e no definitivo de Deus.

A festa não é assim uma “perda de tempo” mas nela o homem aprende o relativo da vida, o momento lúdico do simbólico e do estético. Esse encantamento fascina pois há lugar para a dança, o sonho impossível, o contato com o Divino que torna magnífico o cotidiano. O azul do sonho vem colorir o cinzento do dia a dia e ajuda a fugir das preocupações e sobrecargas do presente. A festa tem caráter de esperança e de sonho, de utopia a ser conquistada. A magia da festa extrapola o momento presente, pois celebra um passado e sonha um futuro.

Perder o sentido da festa é perder o senso da gratuidade. A festa é a magia do inútil e do lúdico que ajuda a entender o plenamente humano. A festa não é algo produtivo em si mesmo mas é uma parada para se viver o gratuito. O ritual da preparação de uma festa revela a ansiedade e esperança de reencontros felizes e sonhados. A festa faz parte do mistério da vida que o ser humano não pode acorrentar e que nela pode tocar um pouco do mistério de Deus. A festa é o oposto da magia pois o ser humano não pode dominar o desconhecido. A festa é gratuidade e comunicação com o mistério da vida que se revela através da ação de Deus na história.¹⁸

Os festejos populares, como as festas juninas, festas dos santos padroeiros, festa do Divino, são momentos privilegiados de contato com Deus. Para a alma íntima de nosso povo, esses momentos mágicos deixam tocar a presença de Deus. O sentido da festa, como expressão da sociabilidade religiosa, manifesta-se até no carnaval. Carnaval, não como produto de consumo imposto pela mídia eletrônica ou pela economia de mercado, mas o Carnaval que se faz no âmbito do espontâneo, do sagrado e da liberação da prisão do cotidiano.

3. O PLURALISMO E O SINCRETISMO RELIGIOSO

Além dos aspectos positivos da religiosidade popular, constatamos muitos desvios de pontos centrais da revelação cristã que aparecem em sincretismo de doutrinas e de cultos. São facetas das manifestações populares que desvirtualizam experiências cristãs fundamentais e deturpam a prática e os ensinamentos de Jesus de Nazaré. Esses desvios provêm de uma catequese mal transmitida e entendida, acumulando com ensinamentos de tradições religiosas indígenas e africanas e dando origem a certas práticas e tabus religiosos.¹⁹

18. F. TABORDA, *Sacramentos, práxis e festa*. Para uma teologia latino-americana. Petrópolis, Vozes, 1987, p. 50-56.

19. Cf Puebla n. 914, Santo Domingo n. 39.

3.1. Os conceitos sobre Deus

Os conceitos sobre Deus possuem uma variabilidade na proporção das necessidades imediatas, emergindo assim imagens de deuses que correspondem a desejos imediatos que não fazem parte da experiência cristã. São verdadeiros ídolos que se revestem de medos, tabus e anseios íntimos. Muitos possuem a falsa concepção de um Deus distante que castiga os maus e recompensa os bons. Esse Deus se identifica com os poderosos, pronto a proteger os que são submissos, que aceitam suas normas de vida, as situações sociais e castiga os rebeldes e desobedientes. Para satisfazer essa distância, há uma série de ritos que ajudam a afastar o medo e o castigo.

Outros cultuam um Deus-Medicina que ajuda nos momentos difíceis da doença, sendo um verdadeiro quebra-galho. Existem ritos mágicos e plantas medicinais que curam e salvam as pessoas. Quando não se consegue a cura, muitos abandonam seu deus, não mais rezando, não oferecendo mais esmolas e até não participando dos sacramentos, principalmente a eucaristia.

Há ainda aqueles que cultuam um Deus-Economia que ajuda nos momentos difíceis das crises econômicas, ajudando a conseguir dinheiro e melhoria de vida. Muitas seitas prometem até *desamarrar o dinheiro*, ajudando as pessoas a se enriquecerem, se prestarem ajuda ou derem esmola a esse deus-ídolo.

Essa variabilidade do conceito de Deus se manifesta em muitos rituais e bênçãos que são praticados e acreditados. Pode-se perceber que esses conceitos sobre Deus se afastam dos ensinamentos de Jesus nos Evangelhos e deturpam o relacionamento com o Deus-Amor, Deus-Justiça que são a parte central da pregação de Jesus.²⁰

3.2. Os conceitos sobre os santos

Um dos elementos nucleares da religiosidade popular é a devoção aos santos. **Santo** é o atributo dado às pessoas da Santíssima Trindade, às santas almas dos inocentes, à Santíssima Virgem Maria, aos Apóstolos, mártires e doutores da Igreja, a certas pessoas que possuem poderes miraculosos e representativos da divindade. Muitos porém caem num certo panteísmo, onde os santos são como demiurgos, ocupando uma escala hierárquica nos céus e na terra, possuindo poderes que podem ser “chamados e invocados” através de orações fortes e ritos miraculosos. Tudo é feito num clima esotérico e misterioso. Existem santos para todas as necessidades. O auxílio deles e de anjos se faz valer por preces e orações quase mágicas. Existe uma hierarquia celeste composta de Coros Celestiais que recebem nomes e poderes. Os nomes dos anjos na hierarquia celestial

20. Cf. Pierre Bourdieu, *Génèse et structure du champ religieux*. In *REVUE FRANÇAISE DE SOCIOLOGIE*. Paris, 12 (3), p. 295-334, 1972.

correspondem aos Novo Coros, segundo a cabala judaica. Os anjos são também chamados de “Grandes Seres da Música da palavra”, razão pela qual algumas palavras são associadas a seus nomes. Para cada dia da semana há anjos que possuem cores específicas. Analisando atentamente a doutrina e crença de setores de nosso povo sobre os santos e anjos, percebe-se que há um sincretismo da catequese cristã, um amontoado de crenças esotéricas, afirmações que pretendem ter um caráter teológico e bíblico. Cada vez mais crescem doutrinas que relatam experiências pessoais com anjos e santos, num clima de mistério, de veneração, de respeito e até de medo.

3.3. *A visão sobre a Igreja*

Para o povo simples e até em muitas camadas sociais mais esclarecidas, a Igreja é ainda o templo, o clero e toda a hierarquia sagrada, abrangendo os religiosos, irmãs e seminaristas. O povo ainda não se sente como sendo agente ativo e tem pouca consciência de seu sacerdócio comum e tem por hábito identificar a Igreja com essas pessoas sagradas. Como consequência disso, muitos procuram tratar bem essas figuras pois são representantes diretos de Deus, merecem toda a veneração e respeito. Algumas pessoas, quando recebem grandes benefícios ou quando fazem grandes colheitas dos frutos da terra fazem questão de doar uma parte para essas instituições que representam a Igreja. É uma maneira de agradar a Deus e de receber favores e bênçãos futuras.

Essas atitudes de uma pseudo-compreensão do que é a Igreja, levam pessoas a serem meros espectadores nas cerimônias religiosas onde o clero está presente e oficializa os atos litúrgicos.

3.4. *A Cosmovisão sagrada dos rituais*

Existe uma relação profunda entre mito e rito, formando uma unidade fundamental entre a ação ritual e a representação. Não existe uma anterioridade do mito ou do rito, um dando origem ao outro, mas tudo acontece num só movimento onde o mito dá sentido ao rito e esse, por sua vez, dá realidade viva ao mito. O mito é a imagem ideal que o povo cria coletivamente, dando expressão a conceitos, aspirações e sentimentos que se fundam em valores primários que são reconhecidos por aqueles que neles crêm e que por eles se deixam guiar. Os ritos são atividades simbólicas pela quais a imagem do que é ideal se torna realidade por meio da manipulação de símbolos. Os rituais são assim atos expressivos, contidos nos mitos, concretizam-se em gestos, orações e atitudes corretas. *Através do*

ritual, o homem impõe significado sobre o mundo, antecipa o futuro, racionaliza retrospectivamente o passado e produz resultados.²¹ Dentro das atividades da Nova Era, o ritual é ato portador, criador de sentido e tem uma função altamente significativa e valoriza as *chamadas vivências*. Essas vivências são trabalhos de purificação, tem fins terapêuticos e ajudam na relação com o mundo.²²

Dentro dessa cosmovisão sagrada do universo, temos os trabalhos com cristais. A formação dos cristais está ligada à constituição geológica da terra, sendo símbolo da evolução e da memória. O cristal é a forma perfeita que simboliza a harmonização das forças cósmicas. Os cristais representam a expressão mais pura e límpida da evolução das energias cósmicas, realizando a passagem da obscuridade para a iluminação, da nebulosidade para a luz transcendente que irradia paz e harmonia. Os cristais possuem a pureza, harmonia, perfeição, evolução e transcendência e, ritualmente, essas qualidades podem ser transferidas por atos positivos, criativos para os indivíduos. Existem técnicas que ajudam a fazer essas transferências. O que ajuda nesses rituais é capacidade indutiva que faz as pessoas que usam os cristais agir sobre o mundo. A eficácia depende da possibilidade de impor significados novos ao mundo por meio de disciplinas de atitudes, pelo intercâmbio religioso que provém dessas forças cósmicas, pelo efeito ético que eles exercem sobre as pessoas e através delas sobre as relações sociais. Procura-se a restauração do equilíbrio entre a lucidez e o despertar espiritual, evocando as forças transcendentes capazes de mudar a história.²³

Ainda dentro de uma cosmovisão sagrada de rituais, temos o cultivo e verdadeiro culto dos florais. Nesses rituais, as plantas são valorizadas para despertar o desenvolvimento pessoal e o equilíbrio profundo das pessoas pois são de suma importância para o equilíbrio do planeta.

O método de cura pelos florais consiste em modificações dos traços da personalidade através do uso de essências das flores silvestres. As doenças seriam causadas por um estado mental desarmonioso como *o orgulho, ódio, crueldade, amor-próprio, ignorância, gula e instabilidade*. As flores, como expressões de forças cósmicas, possuem qualidades como *suavidade, beleza, alegria* e através de seu aroma podem produzir vibrações agindo como ponto de comunicação do indivíduo com o cosmos e com os poderes superiores do plano astral. As flores podem assim tocar no espírito das pessoas, elevar seus sentimentos e transferir através de rituais as qualidades supremas da harmonia do universo. Essas energias produzem efeitos nas pessoas que as usam e nos seus relacionamentos so-

21. S. TAMBIAH, *Culture Thought and Social Action*. Cambridge, Harvard University, 1985, p.84.

22. Cf. L. AMARAL, *Nova Era: Um movimento de caminhos cruzados*. In CNBB, *A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil*. São Paulo, Paulus, 1994, p. 101-130 (Estudos da CNBB, 71).

23. *Ibidem*, p. 138.

ciais. Podemos perceber que essa espiritualidade harmoniosa proveniente das plantas tem suas raízes em muitos ensinamentos e tradições dos nossos indígenas e dos conhecimentos medicinais sagrados de nossos negros e curandeiros. Existe uma verdadeira simbiose entre os conhecimentos, crenças religiosas sobre as plantas medicinais e milagrosas das tradições populares e essa espiritualidade harmoniosa. Pela força dos rituais e crenças vindas de outras culturas sobre o poder curativo e educativo da natureza, nosso povo é fascinado e até enganado por essas soluções mágicas e misteriosas.²⁴

24. *Ibidem*, p.139-140.

3.5. *O sincretismo de doutrinas e cultos*

Outro fenômeno que podemos verificar no meio de nosso povo é o sincretismo de doutrinas e de ritos que possuem sua origem na própria história de nossa gente. Quando houve a descoberta do Brasil, ou como preferem outros, a conquista de nossa terra, os portugueses trouxeram sua civilização, seus costumes e sua religião.²⁵

25. A CNBB, Leste 1 publicou um estudo sobre *Macumba, cultos afro-brasileiros, Candomblé, Umbanda*: observações pastorais. São Paulo, Paulinas, 1976, onde apresenta uma síntese das influências da cultura indígena e africana na Religiosidade Popular.

Nosso índio é profundamente religioso. Acredita num princípio superior, Tupã. Abaixo de Tupã, existe uma infinidade de demiurgos ou gênios divinos. São divindades protetoras da água, dos rios, dos peixes, das matas, dos animais e das florestas. Os povos tupis tinham grande medo das almas das pessoas falecidas e acreditavam que elas voltavam em forma de animais (lagartixas, sapos, pássaros), vagando principalmente à noite. Para se defender nesse mundo tão repleto de espíritos, haviam os orientadores espirituais, os pajés, que curavam as doenças e afastavam o *Jurapari*, espírito inferior e mau que acaba sendo identificado com o demônio dos cristãos. Praticavam as feitiçarias, servindo-se de animais, plantas que através de rituais poderiam ajudar na defesa contra os espíritos maus ou até prejudicar as pessoas adversárias.

Os escravos que aqui chegaram eram na sua maioria desembarcados na Bahia, e depois enviados para o trabalho com a cana de açúcar e cacau na região nordeste ou para mineração nas Minas Gerais e Goiás. Os que chegavam ao Rio de Janeiro, eram levados para as fazendas de cana de açúcar e depois de café, em São Paulo e na baixada fluminense. Os que chegavam em Pernambuco, eram levados para as fazendas de algodão e açúcar em Alagoas e na Paraíba.

Os sudaneses vinham da Nigéria e do Sudão, e de uma área extensa da chamada **Costa dos Escravos** até das proximidades do Egito, pouco abaixo do deserto do Saara. Eram os *nagôs* ou *iyorubas*, os *gêges*, os *fanti-ashanti* (negros -minas), os *haussás* de culto islâmico. Possuíam uma cultura mais elevada e crença em

divindades intermediárias, ligadas às forças da natureza chamadas Orixás entre os nagôs, ou Voduns entre os gêges.

Os bantos vinham do Congo, de Angola, de Moçambique, do Centro e do Sul da África. Seu culto centralizava-se nas almas dos mortos, dos parentes e tinham muitas divindades cósmicas. Ao chegar ao Brasil, os dois grupos, sudaneses e bantos, se misturaram numa única população escrava, mesclando as características biológicas e culturais.

Apresentamos aqui apenas alguns elementos desse sincretismo de doutrinas e culto para entender diversos fenômenos que hoje constatamos. Nossos negros, sudaneses e bantos, trouxeram também suas crenças e seus cultos. Eram também profundamente religiosos, acreditavam numa divindade suprema, **Olorum** (o Céu). Esse deus supremo não é objeto de culto direto mas se cultuavam os Orixás ou Voduns que são intermediários e comandam os atos da vida humana. Essas entidades divinas devem ser consultadas e obedecidas. No Panteão africano, havia uns 400 Orixás, mas no Brasil retiveram apenas algumas dezenas. Entre os bantos, não se cultuavam tanto as divindades mas as almas (*eguns*) e acima delas um Deus Supremo, chamado **Zambi**. As almas dos mortos recentes, *zumbis*, vagueiam até seu repouso eterno.

Tendo como base essas crenças, o sincretismo assumiu do Catolicismo diversos cultos e doutrinas. O culto aos Santos se identifica com os Orixás que se fez necessário para disfarçar as práticas religiosas negras que os portugueses e catequistas não toleravam e perseguiam. Os aspectos externos das imagens dos Santos, ou ainda de suas vidas, levaram à identificação de alguns com vários Orixás. Citemos apenas alguns da piedade popular. Jesus Cristo é identificado com **Oxalá**, o primeiro da hierarquia dos Orixás; **Iemanjá** com a Virgem Maria; **Xangô**, deus do trovão, com São Jerônimo; **Oxosse**, deus da caça com São Sebastião por causa da imagem de guerreiro com seu arco e flecha; **Ogum**, deus da guerra, com São Jorge; **Iansá**, mulher de Xangô, com Santa Bárbara; **Xafenã** ou **Omulu**, deus da doença com São Lázaro, São Roque ou São Bento; **Oxumaré** ou **Oxum**, deus dos rios com São Bartolomeu, **Nanã Buruku** com Santa Ana, mãe de Virgem Maria; **Ibêji** com São Cosme e Damião; **Obá**, mulher de Ogum, com Santa Joana d'Arc; **Ifá** com o Espírito Santo; **Exu**, mensageiro dos orixás, com o demônio. Essas adaptações sofrem variações conforme os lugares.²⁶

26. cf. *Ibidem*, p. 12-38.

Ao espiritismo e ao ocultismo se devem a prática de comunicação com os mortos tão usada pelos bantos e pelos adeptos da reencarnação, sobretudo umbandistas e uma série de ritos como os passes, a adivinhação através de objetos, a busca de aconselhamento de pessoas entendidas no mistério e no além.

A partir dos anos 30, o contato com o ocultismo trouxe à umbanda a prática de defumadores, banhos de purificação e de descarga, os trabalhos com diversas finalidades para tirar os encantamentos e quebrantos.

Dentro desse universo religioso, não queremos entrar em detalhes e especificações das diversas influências das religiões africanas e indígenas, mas salientar que todo esse espaço religioso não foi atingido pela catequese católica, que ainda é muita abstrata, intelectual, muito rica de conceitos e teorias mas que não atinge o universo mágico, a espiritualidade caleidoscópica de nosso povo que vive ainda num sincretismo anárquico mas que através de rituais revela os restos culturais de nossa gente.²⁶

4. CONCLUSÃO

Diante do fenômeno do sagrado e do fascínio da magia dos rituais, apresentamos algumas conclusões que ajudam a nos posicionar diante dessa teologização do espaço do religioso.

a) A expansão do mundo religioso é uma tendência que se revela numa sociedade da pós-modernidade e exige uma atenção maior para se ver esse pluralismo religioso dentro de um conjunto macrosocial. Não podemos subestimar as chamadas “seitas” como se fossem sinais de superstições e de ignorância popular. Existem movimentos fortemente organizados, com propaganda sistemática que, aos poucos, favorecem o individualismo religioso. Cria-se o clima de um universo religioso subjetivo onde as pessoas buscam o que precisam para resolver seus problemas individuais. A tendência é abandonar até as práticas religiosas e conservar apenas as crenças internas, sentimentos. Há uma facilidade para se misturarem elementos de diversas filosofias religiosas onde não existe uma estabilidade de convicções mas o desejo de experimentar conforme as necessidades ou desejos. Dentro de uma análise do social, os pobres se sentem atraídos pelas seitas que correspondem a seus anseios econômicos ou existenciais. As classes médias e mais ricas buscam mais o individualismo nas suas expressões religiosas, procurando as mais variadas formas da Nova Era.

b) Essa situação sócio-religiosa é um desafio para a compreensão e análise da religiosidade popular e apresenta um redimensionamento do que seria a Pastoral para nossa gente. Repensar a Pastoral exige uma reformulação de como abordar essas questões. A Igreja Católica não pode ficar na posição de ser uma instituição que apresenta uma doutrina coerente e universal para todas as gentes. Não se pode mais imaginar uma liturgia universal que sirva para todos os povos, com rituais e

sacramentais pré-estabelecidos. Estamos diante de culturas diferentes, há florescimento de novas formas de busca e de expressão do sentimento religioso que favorecem o individualismo e o subjetivismo.

A evangelização e sacramentalização precisam ser voltadas para as **pessoas** e não partir de conceitos filosóficos pré-estabelecidos e de ritos universais abstratos. A Igreja não é mais o eixo central da sociedade. A economia, a política, a tecnologia e os meios de comunicação são independentes e funcionam com suas leis e lógicas sem se preocupar com a religião e a ética. Existe um desafio para a Igreja: como corresponder às necessidades religiosas nas micro-estruturas sociais, na vida individual, familiar e na macro-sociedade onde a economia, a política e a tecnologia tem suas próprias leis?

Diante dessa realidade global, é preciso estar atento aos passos que facilitariam o processo de inculturação. Há necessidade de distinguir três modos de aproximação para o anúncio da fé:

ba) Existem pessoas que estão longe da Igreja Católica. Para esses indivíduos é necessário a aproximação pela convivência, testemunho. A aproximação levará a um amadurecimento para um diálogo que exige reconhecimento da identidade dos outros e maior consciência de nossa identidade cristã.

bb) Existem pessoas que deveriam estar mais perto da Igreja, por terem tido um ensino religioso na infância ou por terem tido certas práticas cristãs. Constatamos, porém, que essa aparente proximidade na infância ou juventude, quando estudaram em colégios religiosos, provocou até um afastamento e até certa raiva para com a Igreja, o magistério e seus ensinamentos. Para esses é necessário um diálogo maduro, aprofundando a catequese inicial, esclarecendo as críticas, discernindo a experiência de Jesus Cristo que sofre diversas influências culturais no correr dos tempos. A experiência cristã não se identifica com certas culturas do Ocidente, embora se tenha servido delas para se fazer presente no mundo ocidental. É preciso ter coragem de aceitar as críticas, sem cair numa atitude apologética infantil que quer defender tudo o que se fez e faz em nome de Cristo e da Igreja Católica.

bc) Existem pessoas que vivem a experiência cristã dentro de uma comunidade eclesial. Para esses, é importante a valorização do sentimento religioso de cada um, experiência de Deus que se faz como fonte de alegria e de realização. A experiência cristã não é um jugo ou super-ego que estabelece o que é certo e errado, impondo punições. A atitude pastoral deve ser uma caminhada na busca de experiências novas onde as pessoas se sentem livres e buscam um mundo mais justo e fraterno.

c. Outra conclusão fundamental é não cair em clima de competição e proselitismo fanático. É ilusão pensar que todos são católicos. Muitos que foram batizados e educados no catolicismo procuram outras religiões. Esse fenômeno se explica pela falta de capacidade de nossas estruturas religiosas que não permitem um religião pessoal e mais contextualizada. Falta às vezes qualificação em nossas práticas religiosas que se apresentam sem brilho, sem autenticidade e até sem fervor. Nossos ritos, a diocese e as paróquias, o clero estão às vezes distantes da realidade do mundo, da pós-modernidade. Os atendimentos não são personalizados, as celebrações, a pregação da Palavra não provocam uma experiência profunda de fé e de vivência. Temos muito medo das emoções e do cotidiano e ficamos muitas vezes no abstrato e racional.

d. Por fim, penso que é necessário haver coerência entre uma mística que leve a uma prática concreta que respeite a ética em todas as suas dimensões. Ser cristão é ter uma nova maneira de viver que possui uma ética que se manifesta no testemunho e não apenas nos discursos e palavras. A magia do cotidiano exige coerência com a justiça, com a verdade e com o amor que se faz real nas práticas políticas, econômicas e sociais. A Palavra de Deus exige contemplação, espiritualidade encarnada no dia a dia. A experiência de Deus passa pela experiência da vida e encontra luzes na meditação da Palavra de Deus que nos ajuda a enfrentar os desafios da vida, possibilitando-nos a aprofundar o sentimento religioso, facilitando nossa vivência comunitária através do testemunho na sociedade.

BIBLIOGRAFIA

- ALVERGA, A.P., *O Livro das mirações*. Viagem ao Santo-Daime. Rio de Janeiro, Rocco, 1984
- BONÉ, E., *L'Homme de science et le problème de Dieu*. In PETITJEAN, A. et al., *Croire en Dieu Aujourd'hui?* Paris, J.Duculot-Gembloux-P.Lethielleux, 1968, p. 56-73 (Réponses chrétiennes)
- BRANDÃO, C.R., *Memória do Sagrado*. Estudos de Religião e ritual. São Paulo, Paulinas, 1985
- CARVALHO, J.J., *O Encontro de Velhas e Novas Religiões*. Brasília, UNB 1992 (Antropologia, 133).
- COELHO, V.P., *Os Alucinógenos e o Mundo Simbólico*. São Paulo, Edusp, 1976.
- COX, Harvey, *A festa dos Foliões*. Trad. Edmundo Binder. Petrópolis, Vozes, 1974.
- CAPRA, F., *O Ponto de Mutação*. São Paulo, Cultrix, 1992.

HOORNAERT, E., *Historia do Cristianismo na América Latina e no Caribe*. São Paulo, Paulus, 1994.

HOFMANN, A. e SCHULTES, R.E., *Les plantes des Dieux: Les plantes hallucinogènes, botanique et ethnologie*. Paris, Berger-Levrault, 1981.

LAMB, F.B., *O feiticeiro do Alto Amazonas: A história de Manuel Córdoba Rios*. Rio de Janeiro, Rocco, 1985.

LEPASSADE, G., *Les états modifiés de la conscience*. Paris, Presses Universitaires de France, 1987.

OSCAR WILD, *De Profundis*. Lisboa, Estampa, 1991.

RIBEIRO DE OLIVEIRA, P.A., *Religião e dominação de classes*. Vozes, Petrópolis, 1985.

_____, *Religiosidade Popular na América Latina*. In REB, Petrópolis, 32, p. 354-364, jun.-1972.

_____, *O Sagrado e a Cultura*. In REB, Petrópolis 34, p. 840-859, set.-1974.

Pe. Antonio Carlos Oliveira Sousa CSsR
Professor de Teologia Sacramentária
Instituto Teológico São Paulo; PUC, Campinas.